



DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

Glauber Lopes Xavier¹



<http://lattes.cnpq.br/2831400436201952>



<https://orcid.org/0000-0002-7905-4962>

Resumo

Da Guerra-fria à Guerra da Ucrânia houve profundas transformações no sistema mundial. A China passou por um vigoroso processo de expansão de sua economia e tornou-se o segundo maior PIB global. A dissolução da União Soviética implicou no arrefecimento do poder daquela que fora a segunda maior potência mundial e, entrementes, os EUA lograram uma década de hegemonia quando lideraram, soberanos, o sistema mundial. Todavia, o novo século não tem sido menos conturbado em termos de mudanças: a China alcançou um virtuoso progresso tecnológico e a Rússia foi palco de relativo crescimento econômico e solução de sua crise política interna. Entende-se que a Guerra Rússia-Ucrânia se insere num contexto de rearranjo das forças geopolíticas em termos mundiais. Em outras palavras, que o conflito demarca uma nova dinâmica de poder entre potências de grandes dimensões e mesmo potências regionais, ensejando um sistema caracterizado mais pelo multilateralismo do que por algo que se possa considerar como uma nova Guerra-Fria.

Palavras-chave: Guerra. Rússia. Ucrânia. Guerra-Fria.

Abstract

From the Cold War to the Ukrainian War, there were profound transformations in the world system. China underwent a vigorous process of expanding its economy and became the second largest global GDP. The dissolution of the Soviet Union resulted in the cooling of the power of what had been the world's second largest power, and, in the meantime, the USA achieved a decade of hegemony when it sovereignly led the world system. However, the new century has been no less turbulent in terms of changes: China achieved virtuous technological progress, and Russia was the scene of relative economic growth and a solution to its internal political crisis. It is understood that the Russia-Ukraine War is part of a context of rearrangement of geopolitical forces in global terms. In other words, that the conflict marks a new power dynamic between large powers and even regional powers, giving rise to a system characterized more by multilateralism than by something that could be considered a new Cold War.

Keywords: War. Russia. Ukraine. Cold war.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Professor Adjunto da Universidade Estadual de Goiás (UEG), atuando no curso de Ciências Econômicas e como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - PPGTECCER (mestrado/doutorado). E-mail: glauber.xavier@ueg.br

Introdução

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o sistema global deixou-se de caracterizar-se pelo chamado mundo bipolar, em que os Estados Unidos e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas compartilhavam a condição de superpotências. Além do significativo poder industrial, ambos os países reuniam amplo poder bélico. Há que se reconhecer, contudo, a amplitude do poder econômico norte-americano se comparado ao da União Soviética. Naquele contexto, impôs-se uma Cortina de Ferro no espaço geográfico euroasiático, o que de alguma forma evoca os esforços interpretativos do geógrafo britânico Halford Mackinder.

Em 1904, ao apresentar na Royal Geographical Society o artigo intitulado "The Geographical Pivot of History", Mackinder alertou para a possibilidade representada por uma união entre a Alemanha e a Rússia no domínio do espaço euroasiático, o que resultaria segundo ele na formação de um império mundial. Tal postulado se deu com base na noção de *heartland* da Eurásia ou região pivô da política mundial, dada a ampliação do poder terrestre representado pelo Estado russo via expansão de sua rede ferroviária, principalmente. Segundo Mackinder (1974, p. 79-80):

El vuelco del equilibrio de poder em favor del estado pivote, como un resultado de su expansión por las tierras marginales de Eurasia, permitiría la utilización de los amplios recursos continentales para la construcción de una flota, y el imperio del mundo estaría a la vista. Esto podría ocurrir si Alemania se aliara con Rusia.

É interessante observar que a história ratificou a geopolítica de Mackinder quando a Alemanha, tanto na primeira, quanto na segunda guerra mundial, buscou ampliar o seu domínio territorial. Ao contrário das demais potências, apenas a Alemanha não havia empreendido uma política imperialista por meio da conquista de colônias, à exceção de algumas poucas, como Camarões, cujo controle se deu especialmente a partir de interesses empresariais. Tratava-se de um contexto geopolítico de arrefecimento do poder britânico e crescente poder norte-americano, marcado, portanto, por uma transição hegemônica no âmbito do capitalismo histórico (ARRIGHI, 1996; WALLERSTEIN, 2001).

Não se alterava apenas a dinâmica de poder do sistema interestatal, mas também a economia global, dada a relevância dos capitais norte-americanos e a emergência de um gigantesco complexo industrial-militar. Nessa torrente é que a URSS inaugura, de sua parte, uma corrida por inovações tecnológicas face ao paulatino progresso material dos EUA. A ofensiva da URSS leva à conquista, em 1949, da tecnologia de produção de armas nucleares, dando ensejo à chamada Guerra Fria.

Guerra-Fria: das suas origens ao colapso da União Soviética

Com a Guerra-Fria, é inaugurado um novo momento da história mundial, em que duas grandes potências passaram a rivalizar o controle do planeta. Enquanto o raio de influência da URSS incorporou cerca de 1/3 do planeta, os EUA empreendiam um conjunto de políticas por meio das quais visavam salvaguardar seus interesses econômicos e sua predominância militar no mundo

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

ocidental, mormente na porção oeste do continente europeu. Acrescente-se que esse mundo bipolar reservou, aos países pobres, a condição terceiro-mundista², ou seja, a dependência das importações de manufaturas e a condição de exportadores de alimentos e matérias-primas para as economias avançadas.

Do ponto de vista teórico, emergiu a chamada teoria do desenvolvimento, com base na qual muitos países levaram adiante políticas desenvolvimentistas³ cujo objetivo seria superar os limites do atraso. Tornaram-se comuns políticas de planejamento de médio e longo prazos, muitas delas - guardadas as devidas particularidades - inspiradas na Nova Política Econômica levada a efeito na União Soviética durante a década de 1920. O contexto da chamada Guerra-Fria foi, assim, marcado, ao menos no tocante aos países periféricos, tanto pela influência norte-americana quanto pela influência soviética. O primeiro buscava incorporar as nações ao seu amplo campo de domínio capitalista e o segundo ao socialismo, como se sabe. Ambos aproveitavam das possibilidades e dos limites de seus respectivos modelos de sociedade e, para tanto, inauguraram uma guerra ideológica que teve considerável repercussão.

O conflito ideológico que se instaurou foi crucial para que tanto o mundo capitalista quanto o mundo socialista pudessem disseminar seus valores e seu modo de vida. "Washington brandia seu papel de líder do 'mundo livre' de forma pelo menos tão eficaz quanto a União Soviética brandia sua posição de líder no campo 'progressista' e 'antiimperialista'" (WALLERSTEIN, 2004, p. 25). Do ponto de vista diplomático, cada qual se afirmava pelo antagonismo travado em relação ao seu rival. Protagonizada por Washington, a doutrina de contenção⁴ converteu-se na diretriz diplomática do governo norte-americano e coadunou-se às medidas levadas a cabo pela gestão do presidente Truman (Doutrina Truman) para assegurar a influência dos EUA sobre as economias subdesenvolvidas e, portanto, suscetíveis à influência soviética.

Nesse particular, a América Latina e o Caribe se constituíram enquanto uma zona geográfica de extensão do poder diplomático e militar dos EUA, tendo

² Em 1955 foi realizada a Conferência de Bandung, na Indonésia, por meio da qual as lideranças de 29 países africanos e asiáticos subscreveram os princípios de reafirmação do direito à autodeterminação dos povos, luta pela independência e oposição ao colonialismo. A Conferência ratificou uma política de independência desses países, ou seja, de não alinhamento direito aos contendores da Guerra Fria.

³ Acerca do debate em torno da questão do desenvolvimento, o confronto entre as ideias de Walt Rostow (1961) e de Alexander Gerschenkron (2005) fornece elementos importantes para a compreensão dos limites históricos ao desenvolvimento e das experiências bem-sucedidas trilhadas por algumas nações. Rostow postulou cinco etapas que segundo ele configurariam os estágios de progresso econômico de uma dada sociedade até que esta alcançasse o estágio de "consumo de massas". Gerschenkron, por sua vez, ao discordar do esquema de Rostow, aponta que a superação do atraso não se deu de modo semelhante entre os países, sendo que algumas sociedades consideradas avançadas prescindiram de determinadas etapas postuladas por Rostow e ainda assim alcançaram o desenvolvimento. Além disso, Gerschenkron delineia algumas características comuns aos processos de industrialização perfilados pelas economias atrasadas, como as dimensões das plantas industriais e o papel ocupado pelo Estado, dentre outras.

⁴ A política de contenção das iniciativas soviéticas de expansão de seu poder recebeu a denominação de "Doutrina de Contenção". Ela foi apresentada pela primeira vez em julho de 1947 por meio de um artigo publicado pelo diplomata George Kennan, sob o pseudônimo de "X", na Revista Foreign Affairs. No artigo, Kennan afirma que "In these circumstances it is clear that the main element of any United States policy toward the Soviet Union must be that of a long-term, patient but firm and vigilant containment of Russian expansive tendencies."

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

sofrido toda sorte de interferências em seus processos políticos internos. Inúmeros foram os golpes perpetrados com o apoio dos EUA, sendo o caso chileno o melhor exemplo. Por outro lado, diante da rivalidade entre as duas superpotências, a URSS fomentou, via apoio financeiro e militar, a sustentação do regime cubano, o conflito no Afeganistão, na Coréia e no Vietnã, a título de exemplos. Acrescente-se a esta influência de ambos os lados, os programas de financiamento econômico aos países aliados, a exemplo do substancial apoio soviético ao regime cubano e das políticas norte-americanas destinadas aos países da América Latina, como a Aliança para o Progresso, com o intuito de impedir o avanço da influência representada pelo mundo ou bloco comunista/socialista.

Nesse sentido, a experiência soviética foi crucial para estabelecer limites à própria dinâmica espoliadora que caracteriza a acumulação de capital, de sorte que os países ocidentais foram involuntariamente levados à criação de políticas sociais a fim de mitigar os resultados deletérios produzidos pela expansão dos lucros. Nas economias periféricas os EUA empreendiam programas de financiamento a fim de minimizar a pobreza e, assim, evitar que tais países fossem atraídos pela influência soviética. Os anos da chamada Guerra Fria foram turbulentos, também, do ponto de vista econômico. Enquanto a URSS lograva considerável crescimento de seu PIB, os EUA se viam envolvidos com os custosos processos de reconstrução das economias europeias.

Tal reconstrução se fazia imprescindível para o projeto norte-americano. Primeiro pela sua própria economia que requeria mercados consumidores e segundo pela possível força de atração advinda do Leste, na medida em que a pobreza se acentuava na Europa e os conflitos sociais tornar-seiam cada vez mais frequentes e profundos. O Plano Marshall, a saída encontrada pelos EUA, fez com que jorrassem recursos para a Europa e fomentou os anos dourados da economia norte-americana. É claro que esse processo teve um custo e se refletiu na própria moeda norte-americana. O ponto de inflexão foram os anos 1970, cujo início foi marcado pela ruptura com os acordos de Bretton Woods e o abandono do padrão dólar-ouro. Tratava-se de um momento decisivo para os rumos da geopolítica mundial, em que os Estados Unidos, enunciando uma sagaz estratégia, se aproximaram da China. Um dos objetivos dessa aproximação era exatamente o de rivalizar com a URSS (KISSINGER, 2011). Segundo Brzezinski (1986, p. 80):

O espectro de uma China que se moderniza rapidamente – beneficiando-se da alta tecnologia e da cooperação industrial de americanos e japoneses – é profundamente perturbador para os estrategistas soviéticos, pois cria a perspectiva da emergência de outro grande centro de poder continente eurasiano, uma condição inexistente desde a Segunda Guerra Mundial.

Havia, ainda, conflitos entre ambos na região de fronteira. Enquanto a Revolução Soviética tinha como premissa o desenvolvimento das forças produtivas, leia-se da indústria (manufatura e bens de produção, indústria de base), a Revolução chinesa se apoiou na força política das massas camponesas. É claro que, em um momento seguinte, Mao Zedong se inspirou nos planos quinquenais de Stalin para perpetrar seu projeto de desenvolvimento industrial. Todavia, não eram poucas as divergências entre ambos os regimes,

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

notadamente a ênfase que recaía, para o regime chinês, sobre a questão cultural e o modo de vida.

A importância desses aspectos foi de tal ordem que, no que tange os processos revolucionários, pelas suas dimensões e sua natureza, dificilmente tenha havido na história experiência tão insólita quanto a Revolução Cultural Chinesa. É bem provável que tais experiências tenham sido cruciais para moldarem o próprio sentido da abertura que se fez materializada nos anos Deng Xiaoping. Desde o período sob Mao, nos anos iniciais da década de 1970, se observava um relativo arrefecimento do radicalismo daquele regime. O encontro secreto entre Nixon e Mao Zedong teve um componente simbólico muito forte, mas não apenas. A partir daquele encontro os EUA alteraram seus movimentos geopolíticos e buscaram contornar tanto a crise política pela qual estavam atravessando, especialmente pela Guerra do Vietnã, quanto a crise econômica que levou ao fim do padrão dólar-ouro.

A década de 1970 foi decisiva, uma vez que os países produtores de petróleo acumularam os dólares disponíveis no mercado e passaram a manipulá-lo conforme seus interesses. Os chamados petrodólares vincularam o poder da moeda ao poder daqueles que detinham, em abundância, esse recurso mineral. Os países dependentes do petróleo, cujos preços foram às alturas, foram assolados por crises econômicas internas. Maior a dependência do mineral, maior a crise. Esse foi o caso das economias latino-americanas, à exceção dos países produtores, porém não autossuficientes, em petróleo, cujo impacto do aumento dos preços foi relativamente inferior.

Ao término da década de 1970 e início da década seguinte, enquanto a China conduzia os passos iniciais de seu Programa de Reforma e Abertura sob a liderança de Deng Xiaoping, os Estados Unidos operavam mais um movimento de inflexão. Antevendo a enorme crise que se aproximava em decorrência de sua frouxa política monetária, o princípio dos anos 1980 - a chamada Era Reagan - foi marcado pelo aumento substancial dos juros, o que implicou em um pesado encargo financeiro para países tomadores de empréstimos. Esse foi o caso das economias latino-americanas que, diante da dificuldade em honrarem seus compromissos junto ao credor, acabaram declarando moratória. O México o fez em 1982, o Brasil em 1987 e a Argentina logo em seguida, em 1988.

A situação econômico-financeira tornara-se insustentável para esses países, criando o ambiente ideal para a propositura do chamado “Consenso de Washington” e suas pesadas imposições, as quais conformaram o neoliberalismo. Instituições financeiras supraestatais, criadas sob a égide do poder norte-americano durante o Acordo de Bretton Woods, foram cruciais para a construção do arcabouço legal que sustentou o neoliberalismo. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial estabeleceram as diretrizes da política fiscal e monetária impostas aos países tomadores de empréstimos, limitando suas capacidades econômicas internas, o que em outra perspectiva restringia, inclusive, o exercício de suas soberanias.

Enquanto a periferia sofria todas as consequências da crise, os Estados Unidos recuperavam o seu crescimento, ampliavam o seu gasto militar e alavancavam o seu sistema financeiro, assegurando as condições para os “exuberantes” anos 1990, conforme definiu Stiglitz (2003). Paralelo a isso, expandiam seu raio de poder, envolvendo praticamente todo o globo por meio de suas bases militares e de suas alianças, a exemplo da OTAN, sobre a qual

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

falaremos mais adiante. Após a dissolução da URSS, em 1991, os Estados Unidos definitivamente alcançaram a hegemonia do moderno sistema mundial.

É curioso observar que a dissolução da URSS se deu de forma consentida, levada a efeito pelo próprio partido via reforma política e econômica. A *Glasnost* e a *Perestroika* pavimentaram a via para a destruição do regime, mas não colocou nada em seu lugar. A Rússia dos anos 1990 se resumiu a um amontoado de resíduos da ex-URSS submetida ao poder econômico de um grupo de empresários que se apoiaram no Estado para aumentarem seu patrimônio. Enquanto isto, a China promovia suas profundas transformações sem, no entanto, admitir a cisão entre mercado e poder via erosão do partido, como sucedera na ex-URSS. Tendo conservado a integridade e o poder do Partido, a China inaugurou um verdadeiro experimento em matéria de economia política: o chamado “socialismo de mercado” ou “socialismo com características chinesas”. Sua política consistiu na abertura ao mercado sob os auspícios do Partido via predomínio das empresas estatais.

O chamado “um país, dois sistemas” tratou-se de um laboratório para o acompanhamento cuidadoso do processo de aprimoramento da matriz econômica chinesa que, em poucas décadas, passou de exportadora de bens não duráveis para exportadora de bens duráveis e bens de capital. A China logrou, nas últimas quatro décadas, o maior crescimento econômico da história, o que permitiu a retirada de 800 milhões de pessoas da situação de pobreza. Com a expansão de seu produto, deu-se o aprimoramento de seu poder militar. Soma-se, ao maior exército do mundo, um arsenal bélico com alta sofisticação tecnológica.

Ainda que a Rússia tenha percorrido um caminho distinto daquele percorrido pela China, ao contrário do que se propalou, o fim da URSS não implicou no rebaixamento desse país à posição de um ator econômica, militar e diplomaticamente de menor expressão. Parafraseando Duroselle (2000), se todo império perecerá, todo império poderá renascer. Este é o caso russo, em que três décadas foram suficientes para a sua reascensão no instável sistema mundial. A reinserção da Rússia no xadrez da geopolítica mundial não significa que ela estivesse anulada em poder durante a década de 1990, mas que nesse início de século ela se reafirma como uma potência que reivindica destacada posição no moderno sistema mundial e que se apresenta em condições de questionar as regras da geopolítica global em vigência.

Em outras palavras, a Rússia tem reunido as condições para manifestar seus interesses na complexa teia de poder do sistema-mundo. O mundo da Guerra-Fria deu lugar a um mundo pulverizado em termos de poder, com acentuada relevância de novos atores, como a China e a Índia e a retomada do poder por parte da Rússia. Nesse interregno, entre o declínio do sistema mundial bipolar e a conformação de um sistema multipolar, os EUA vivenciaram o zênite de seu poder. As invenções no campo da microinformática posicionaram a economia norte-americana em um patamar de alta produtividade, revolucionaram as finanças e a gestão das empresas e no plano da política externa os EUA gozaram de enorme poder e influência. Todavia, os atentados terroristas em 2001 inauguraram um novo contexto geopolítico.

Valendo-se do discurso de combate ao terrorismo, os EUA empreenderam guerras que foram amplamente questionadas, como a Guerra contra o Iraque sob a alegação de que este país estaria desenvolvendo um

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

programa de produção de armas químicas. Infringindo decisões da ONU e mesmo o posicionamento contrário de países membros da OTAN, os EUA persistiram em seu projeto beligerante e desestruturaram a economia e a sociedade iraquianas. A Guerra durou oito anos, mas suas tropas permaneceram naquele país até 2021, resultando em enormes custos econômicos, perdas de vidas e erosão da legitimidade americana.

Por gozarem de uma posição geográfica privilegiada, distante do epicentro dos grandes conflitos, os EUA desenvolveram um poder, especialmente naval, de inigualável capacidade. Trata-se de um país que tem, nas águas oceânicas, o elemento que o separa e o protege, enquanto a Rússia, um Estado terrestre e que, por esta razão, se vê em situação de vulnerabilidade ao cerco, preocupa-se permanentemente com as possíveis ameaças em suas fronteiras. A China, por seu turno, a despeito do vigoroso crescimento econômico, não detém um poder bélico em comparável capacidade de destruição ao poder bélico norte-americano ou russo. Ela, todavia, tem se aproximado estrategicamente da Rússia e mobilizado recursos para a promoção de um sistema de poder multipolar. A Guerra da Ucrânia, sobre a qual discutiremos no tópico seguinte, retrata essa aproximação e seus resultados.

Já os países periféricos, amiúde dependentes das exportações de alimentos e matérias-primas, têm obtido baixas taxas de crescimento, como ilustram os países latino-americanos, cujas promessas da globalização e a ordem neoliberal que a acompanhava, implementada ao longo dos anos 1990, não foram capazes de reduzir as históricas disparidades sociais. Alguns países, contudo, diferem dos demais por suas posições regionais de destaque: casos do Brasil, África do Sul e Índia, membros fundadores - juntamente com a China e a Rússia - do bloco dos BRICS. As transformações econômicas operadas (novas tecnologias, financeirização, reformas) nas economias avançadas foram assimiladas pelas economias periféricas sem que fossem capazes de romper com as condições da dependência, acentuando o precário mundo do trabalho nestas economias e promovendo a desintegração de suas frágeis cadeias industriais. A financeirização das economias dependentes se deu consoante a redução do papel do Estado e da flexibilização da relação capital-trabalho.

Na América Latina, a experiência inicial se deu no Chile sob Pinochet em 1973, posteriormente na Argentina de Carlos Menem e no Brasil de Fernando Collor, ambos no início dos anos 1990. Estas transformações tiveram lugar no bojo das mudanças processadas nas economias centrais, cujos capitais encontraram, na periferia, vantajosos alvos de investimento e de retornos via movimentos especulativos. Mais uma vez os recursos eram drenados para os grandes centros da economia mundial, retroalimentando a posição subordinada das economias dependentes. Pelas razões já mencionadas, mormente pelo papel que coube ao Estado na gestão dos ativos financeiros, a China, via o poder do Partido, sustentou a mão forte do setor público sobre os movimentos da moeda. De igual maneira, a mão forte do setor público se fez presente no chamado macrossetor produtivo, tendo em vista o controle dos maiores conglomerados empresariais pelo Estado, principalmente daqueles ligados aos setores considerados econômica e geopoliticamente estratégicos. (JABBOUR; GABRIELE, 2021).

Com efeito, o mastodôntrico crescimento econômico auferido pela China não resultou da implementação das diretrizes preconizadas pelo neoliberalismo,

pelo contrário. Ao adotar um modelo de abertura apoiado no controle do mercado pelo partido, aquele país empreendeu uma via assaz original. Por esta razão, não se tratou nem de terapia de choque e tampouco de gradualismo, como é alardeado por alguns teóricos, mas de um modelo calcado em uma formação econômico-social bastante peculiar, caracterizada pelo hibridismo e inserida no modo de produção capitalista sem, contudo, se mover segundo a livre orientação de suas forças. É importante considerar que a maior integração entre a economia chinesa e as demais economias mundiais, a ampliação de seu comércio e de seus investimentos se deu nos marcos das instituições criadas sob o domínio norte-americano.

A China ingressou na Organização Mundial do Comércio em 2001 e tem logrado importantes conquistas sem questionar frontalmente a arquitetura institucional constituída com base na hegemonia norte-americana. É certo que grandes projetos como a Nova Rota da Seda inauguram um novo período da história econômica global, dado que a China acabou se tornando o principal parceiro comercial de vários países outrora umbilicalmente interligados à economia dos EUA. Não é exagero afirmar que tem ocorrido um deslocamento do eixo dinâmico da economia global, posicionando a Ásia como centro difusor de inúmeras inovações tecnológicas, processos fabris, circuitos financeiros e determinantes geopolíticas em uma escala que reúne praticamente todo o moderno sistema-mundo. A questão da guerra Rússia-Ucrânia seguramente passa pela ascensão chinesa nas décadas recentes. Os fenômenos da política internacional não dizem respeito à atores isolados uns dos outros, mas a uma rede de interações que extrapolam limites regionais e que envolvem temporalidades próprias.

Ressalta-se, aqui, a ideia que se propalou de que após o colapso da URSS a Rússia não mais se posicionaria como um importante player global ou ainda a impossibilidade de alianças alheias ao poder norte-americano capazes de questionar os pilares do unilateralismo ocidental. Nos últimos anos tem sido disseminada a hipótese de uma nova Guerra Fria, sobre a qual deve-se ter certa cautela, afinal de contas a quem seria vantajosa essa narrativa que visa engendrar um antagonismo inconciliável entre ocidente e oriente? A ordem global do século XXI não comporta muitas das características daquela que configurou o século XX, sendo a principal delas a existência de um mundo capitalismo *versus* um mundo comunista.

Entende-se que a Guerra Rússia-Ucrânia é um marco histórico dessa nova ordem global, por meio da qual as forças políticas envolvidas serão conduzidas a um novo reposicionamento. Trabalha-se com a hipótese da conformação de uma nova geopolítica do capitalismo global cujo centro decisório é a Ásia (i) e como desdobramento dessa transformação, a ascensão de novas alianças, dentre as quais a aliança sino-russa tem crucial relevância (ii). Note-se que há duas determinações apontadas, uma de natureza econômica ou geoeconômica e uma de natureza geopolítica. É nessa perspectiva que problematizaremos, no momento seguinte, o conflito russo-ucraniano que teve início em fevereiro de 2022.

A guerra Rússia x Ucrânia e o sistema mundial pós Guerra Fria

Em 24 de fevereiro de 2022 teve início a guerra russo-ucraniana. Desde a 2ª GM não havia um conflito envolvendo dois países europeus, fato que tomou a muitos de surpresa. Não surpreendeu, contudo, aqueles que acompanhavam com maior proximidade a série de eventos que antecederam sua deflagração. Desde a dissolução da União Soviética, a OTAN tem ampliado o seu raio de influência, incorporando novos membros⁵. Trata-se, para os russos, de uma grave ameaça, comprometendo a segurança de suas fronteiras e as condições para o exercício de sua soberania. A situação se agravou especialmente durante a última década. Primeiro, com a anexação da Criméia pela Rússia em 2014 e, em seguida, pelas convulsões políticas que tomaram a praça Maidan.

Cabe-nos, contudo, abordar o conflito sob a perspectiva da totalidade, os interesses envolvidos, as determinações geoeconômicas e geopolíticas. Portanto, o atual quadro de elementos que constituem o sistema-mundial nesse limiar de novo século. Deve-se considerar que a ascensão chinesa, acrescentada à retomada do poder russo, trouxe novas características à ordem global, conturbando-a em algum sentido e apontando para novos arranjos diplomáticos, acordos comerciais etc. A guerra russo-ucraniana não pode ser apreendida como um evento bélico isolado, mas como o reflexo do questionamento da ordem mundial que está posta, suas fragilidades e premente necessidade de que se construa novas bases sobre as quais se sustentará o novo equilíbrio de poder, utilizando uma terminologia dos internacionalistas.

Do ponto de vista eminentemente econômico, a guerra suscita reflexões que extrapolam os seus efeitos de curto prazo. A anexação de parcelas do território ucraniano por parte da Rússia comporta razões estratégicas, que dizem respeito à disponibilidade de recursos minerais relevantes para sua indústria. Comporta, ainda, o fato de que a região do mar negro é crucial para o escoamento de mercadorias russas, chinesas e de outros países que participam do intenso fluxo comercial naquela região. Consiste numa rota que abarca interesses sobretudo chineses nos marcos de sua política de expansão comercial via grandes projetos de investimento marítimos e terrestres. O deslocamento do centro dinâmico da economia mundial para o Oriente contempla esse reposicionamento da Rússia no jogo da geopolítica global.

É realmente intrigante observar que transcorridos três anos do conflito, a economia russa – a despeito das fortes sanções sofridas por parte dos Estados Unidos e da União Europeia, não tenha sofrido fortes abalos, mas também não fora capaz de lograr a vitória que, esperava-se, exigiria pouco tempo. Parece-nos que, para o esforço de apreensão da guerra russo-ucraniana, seja fundamental tratar, também, das clivagens que configuram o poder mundial no tempo presente. Visentini (2021) aponta a conformação de quatro eixos que configuram a estrutura do poder mundial. Para tanto, o que se deve considerar, segundo o autor, é a posição político-econômica ocupada por cada país. O

⁵ Desde o fim da Guerra-Fria, a OTAN incorporou 16 novos membros, incluindo antigos participantes do extinto Pacto de Varsóvia : República Tcheca, Hungria e Polônia, em 1999; Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia, em 2004; Albânia e Croácia, em 2009; Montenegro, em 2017; Macedônia do Norte, em 2020; Finlândia, em 2023 e Suécia em 2024. Criada por doze países europeus e pelos Estados Unidos em 4 de abril de 1949, a OTAN possui, atualmente, 32 países-membros.

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

primeiro eixo trata-se do militar-rentista anglo-saxão. O segundo eixo é o industrial desenvolvido. O terceiro é denominado como eixo heterodoxo emergente e o quarto de eixo agrário, mineral e demográfico periférico.

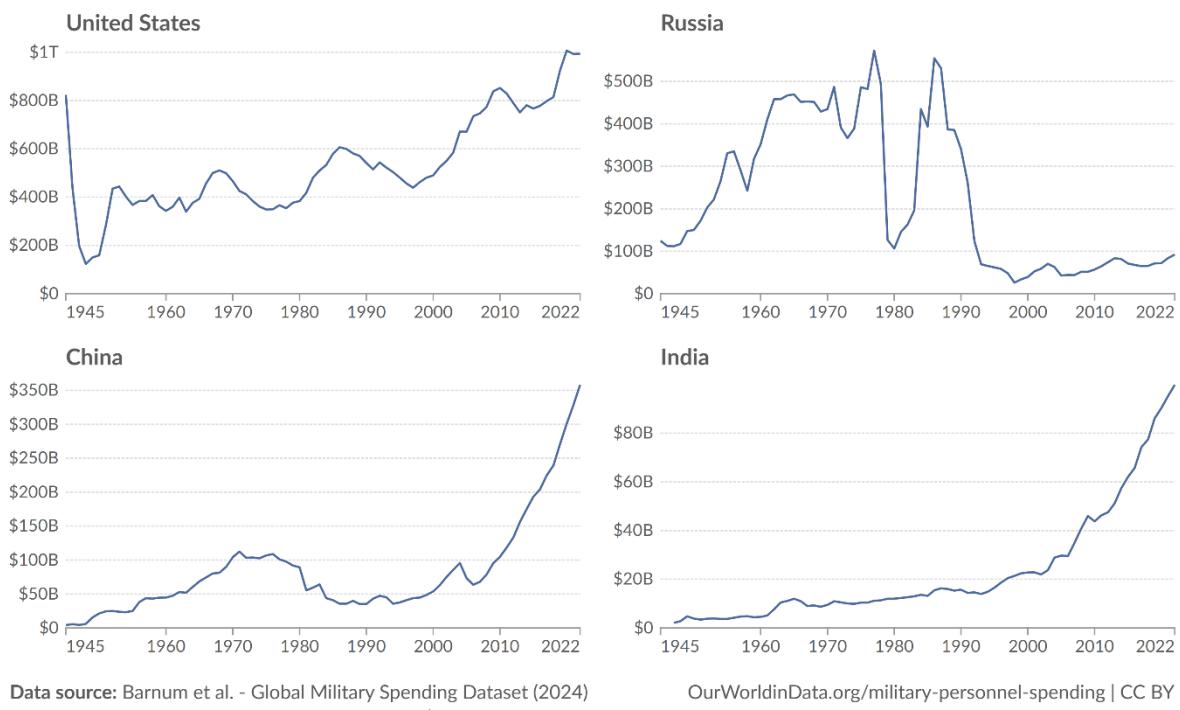
Devido a limitação de espaço, não será possível detalhar cada eixo, mas é importante ressaltar que enquanto o primeiro eixo aglutina países que se encontram em um estágio pós-industrial e cujas sociedades alcançaram altos níveis de renda e indicadores de desenvolvimento, os países que nos interessam mais diretamente (aqueles envolvidos nas metamorfoses do sistema-mundial, a saber: China, Índia, Rússia, especialmente) fazem parte do terceiro eixo, o heterodoxo emergente. Tais países constituem a chamada semiperiferia e, segundo Visentini (2021), não reúnem condições para a projeção de um poder em escala planetária, ainda que estejam atravessando um período de profundas transformações advindas do crescimento econômico e modernização de suas sociedades.

É preciso ter em conta que os quatro eixos apontam para uma interdependência entre os países pautada em uma divisão internacional do trabalho bastante assimétrica. Esta assimetria verifica-se, ademais, no âmbito tecnológico, industrial e financeiro, mas também no âmbito demográfico. Os países em processo de desenvolvimento têm observado aumento de suas populações proporcionalmente maior do que aqueles que já são industrializados, caso dos países da Europa Ocidental, Estados Unidos e Japão. Caracterizam-se, também, pelo gap tecnológico e pela debilidade de suas moedas. Os casos russo, chinês e indiano merecem especial atenção, no entanto. As recentes iniciativas por parte desses países, mormente os dois primeiros, de criarem condições endógenas para o progresso técnico merece destaque. A proeminência da China na produção de veículos elétricos e registros de novas patentes ilustra tal assertiva. De igual modo, a modernização de seu aparato militar e o desenvolvimento de novas e cada vez mais sofisticadas tecnologias de guerra.

Um importante e evidente indicador de qualquer contexto de profundas mudanças no tocante à geopolítica mundial vem a ser o gasto militar. É inquestionável que a guerra Rússia-Ucrânia provocou esse aumento nos países membros da OTAN e entre os próprios contendores. Contudo, desde o ano 2000 é possível notar uma alavancagem do gasto militar nas principais economias do sistema-mundo, conforme aponta a figura abaixo. O aumento mais expressivo foi justamente o gasto chinês e indiano para o setor. É possível inferir que as mudanças hoje fortemente nítidas já se processavam há duas décadas, enunciando os rearranjos de um sistema mundial pós-Guerra Fria.

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

Figura 1 – Gastos militares USA, Rússia, China e Índia.



Data source: Barnum et al. - Global Military Spending Dataset (2024)

Note: This data is expressed in constant 2021 US\$.

OurWorldinData.org/military-personnel-spending | CC BY

Fonte: Our World in Data, 2025.

Nesse interregno⁶ que se inicia no ano 2000 até o início da guerra russa-ucraniana, ocorreram dois eventos decisivos para os rumos da ordem global: o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, sobre o qual já falamos, e a debacle econômica da crise de 2008. Com base no primeiro, os Estados Unidos balizaram sua política externa e a partir do segundo teve início uma decisiva reestruturação da relação capital-trabalho nas economias periféricas e semiperiféricas, organizada por meio de reformas, privatizações, desregulamentação de mercados e paulatina redução dos compromissos firmados pelo Estado. O som que saiu da trombeta dos liberais de todos os matizes ecoou pela austeridade fiscal de que são vítimas sobretudo as nações menos desenvolvidas.

Cabem, aqui, dois apontamentos: 1. No caso Chinês a abertura econômica não se deu de forma indiscriminada, não tendo aquele país adotado o ideário neoliberal. 2. Na América Latina a década de 2000 foi marcada pela chegada de vários partidos de centro-esquerda ao poder, movimento conhecido

⁶ “Interregno” aduz, aqui, um período de suspensão histórica da harmonia, equilíbrio ou hegemonia representados por um Estado-nacional, neste caso pelos Estados Unidos após a dissolução da URSS. Ainda que Gramsci tenha utilizado o termo ao analisar outro contexto histórico, as palavras por ele registradas são oportunas para uma apreensão política do tempo em que vivemos: “Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais “dirigente”, mas unicamente “dominante”, detentora da pura força coercitiva, isto significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acreditam mais no que antes acreditavam etc. A crise consiste justamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno, verificam-se os fenômenos patológicos mais variados.” (GRAMSCI, 2014, p. 187).

como “Onda rosa”, sendo que tais governos foram beneficiados pelo crescimento econômico da China e, por consequência, a ampliação de sua demanda pelas mais diversificadas commodities. Aproveitando-se do contexto favorável, também conhecido como *boom das commodities*, seus governos promoveram políticas de distribuição de renda e inclusão das populações mais vulneráveis via criação de programas sociais em setores como moradia, saúde e educação.

A Rússia, sob o governo de Vladimir Putin, cuja ascensão à presidência se deu em 2000⁷, trilhou um caminho de importantes avanços. Convém ressaltar a recuperação de sua economia e, em termos políticos, o amplo apoio popular ao governo. Putin tornou-se reconhecido como o responsável pelo fim de um período dramático na história russa, marcado por graves crises econômicas, escândalos de corrupção e inabilidade política de seu sucessor, Boris Ieltsin. “Com Vladimir Putin, houve uma recuperação social, política, econômica e internacional, disciplinando os oligarcas e combatendo a criminalidade e o caos administrativo” (VISENTINI, 2022, p. 70). Tais feitos, no entanto, não podem ser atribuídos somente à capacidade de Putin, mas à própria trajetória daquele país.

Sabe-se que durante a segunda metade do século XIX o então império russo passou por profundas mudanças, o que permitiu que às vésperas da 1ª GM a Rússia fosse a quarta potência mundial (KENNEDY, 1989). E, ainda, que o período pós-revolução de 1917, a despeito das inúmeras dificuldades, foi marcado por profundas transformações econômicas, políticas e sociais, as quais fizeram com que a URSS se convertesse em uma superpotência, a única, aliás, capaz de rivalizar diretamente com os EUA. O modo pelo qual se deu a sua dissolução foi, contudo, extremamente errático dado que “a *perestroika* foi capaz de desarticular o sistema anterior, mas não possuía meios para construir nada de novo em seu lugar” (VISENTINI, 2022, p. 64). O que se busca argumentar é que a guerra russo-ucraniana se insere em uma dinâmica mais abrangente de reorientação geopolítica do Estado russo sob Putin, decorrente, por sua vez, de um sistema-mundo em franco processo de metamorfose. Conforme elucida Visentini (2022, p. 83):

O *heartland* da geopolítica clássica, com a convergência eurasiana das potências terrestres, está se tornando mais poderoso e afetando a balança de poder mundial com as potências marítimas. Rússia e China propõe um sistema multipolar, regido por organizações multilaterais, mas os anglo-americanos desejam manter sua liderança e geram impasses.

A garantia de defesa russa passa inexoravelmente pelo enfrentamento à OTAN em seus propósitos expansionistas, mas passa, também, pela ampliação de seu arco de influência em zonas territoriais sabidamente ricas em recursos, como àquelas que compreendem o leste ucraniano onde está localizada a região do Donbass⁸ (Figura 2). De relevante importância, trata-se a própria península da Criméia, anexada pela Rússia em 2014, e onde está localizada a base naval

⁷ Putin ocupa pela segunda vez a presidência da Rússia. Seu primeiro mandato se iniciou em 2000 e encerrou em 2008. Entre 2008 e 2012, contudo, sob a presidência de Dmitri Medvedev, coube à Putin a função de primeiro-ministro. O segundo mandato teve início em 2012 e se estende até o período atual.

⁸ O território do Donbas refere-se à bacia do Donets, a qual compreende as províncias de Donetsk e Luhansk.

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

de Sebastopol. O conflito russo-ucraniano remonta aos processos políticos que levaram ao golpe contra o presidente eleito e as revoltas que tomaram a praça Maidan em 2014. Apoiado por forças de extrema direita, o novo governo promoveu massiva perseguição aos seus opositores. “O novo governo de Kiev revogou decretos que davam à língua russa o *status oficial*, ao lado do ucraniano e enviou milícias, soldados e policiais contra os apoiadores do presidente deposto” (VISENTINI, 2022, p. 80).

Desde 2014, as províncias do Donbass têm sido palco de permanente conflito, sendo que as razões mobilizadoras das forças pró-russas extrapolam os interesses eminentemente geopolíticos. Deve-se reconhecer, por exemplo, os aspectos geoculturais que conformam o apoio de substancial parcela das populações que vivem nas províncias anexadas. Na península da Criméia, o percentual de falantes da língua russa é bastante expressivo, assim como nas províncias de Donetsk e Luhansk. Embora não seja o objetivo do texto a abordagem dos aspectos culturais, há uma simbiose étnica e identitária entre russos e ucranianos. A própria gênese de um Estado eslavo (grupo étnico e linguístico indo-europeu) se deu em Kiev, atual capital da Ucrânia, durante a Idade Média. Kievan-Rus ou Rus de Kiev surgiu da união de vários principados no final do século IX e perdurou até por volta de 1240 quando sucumbiu à invasão Mongol (YEKELCHYK, 2022).

Figura 2 - Territórios sob domínio russo na Ucrânia em fevereiro de 2025.



Fonte: Institute for the Study of War, 2025.

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

Outro dado geográfico que convém destacar é a importância do acesso ao mar negro por parte da Rússia. A geopolítica clássica reconhecia o caráter terrestre da Rússia em oposição ao caráter marítimo da Inglaterra⁹. Daí é provável que decorra a importância vital do acesso russo ao mar Negro, crucial para o escoamento de toda sorte de mercadorias, ademais das questões securitárias envolvidas. No contexto atual, a região é fundamental tanto para os interesses russos quanto chineses. “O papel geopolítico da Ucrânia na Nova Rota da Seda é o de conector logístico nas rotas econômicas entre a China e a Europa, como uma porta de entrada para o comércio exterior chinês com o continente europeu.” (SANTORO, 2022, p. 282). Acrescente-se o fato de que a Ucrânia detém fábricas, institutos de pesquisa e um importante arsenal militar herdados do período soviético, fundamentais para o projeto de modernização das Forças Armadas chinesas. (SANTORO, 2022).

Para além das questões que envolvem o atual conflito Rússia-Ucrânia, o processo de degelo do Ártico tem suscitado muitas discussões. Dentre elas, as possíveis implicações para a geopolítica global, considerando que: “com o degelo, os portos árticos, que ficam em águas congeladas na maior parte do ano, poderiam ser utilizados ilimitadamente, fazendo com que a Rússia deixe de depender de outras rotas marítimas (comerciais e militares) [...]” (IRANÇO SILVA; COSSUL, 2021, p. 87). O uso dessas rotas forneceria uma importante alternativa às rotas já existentes localizadas no Mar Negro, como já mencionado, e no Estreito de Bósforo. Numa perspectiva mais ampla, a exploração das possibilidades abertas com o degelo do Ártico por parte da Rússia poderá ensejar mudanças na relação entre o país e outras potências, alterando o xadrez das forças geoconómicas e geopolíticas que conformam o sistema-mundo contemporâneo. Conforme Iranço Silva e Cossul (2021, p. 92):

Diferentemente do período da Guerra Fria, o retorno do Ártico para a agenda militar russa não se dá por motivos securitários dentro de um contexto de confrontação ideológica com o EUA e OTAN, e sim pela proteção de seus interesses geoconómicos na região, assegurando a sua soberania e demonstrando que a Rússia ainda detém um poder militar relevante no Sistema Internacional.

Nesse sentido, a alegação de uma nova Guerra-Fria talvez seja um tanto vaga, dada a ausência de elementos que permitam a devida qualificação da tese. Um desses elementos, provavelmente o principal, trata-se da ausência de um mundo cindido entre duas concepções econômica e politicamente antagônicas. E mais, o sistema mundial contemporâneo tem sido profundamente alterado pela crescente importância da China, como atesta a própria dinâmica do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Talvez seja mais adequada a noção de “rivalidade estratégica”, cujo aspecto nevrágico consiste no papel desempenhado pela OTAN nos anos recentes. Sobre isto, é emblemático o seguinte excerto de um artigo escrito por George Kennan (1997):

⁹ Ao abordar a venda do Alaska (então pertencente à Rússia) para os Estados Unidos em 1867, Mackinder (1975, p. 79) afirmou que: “Reconociendo acertadamente los límites fundamentales de su poder, sus dirigentes se han deshecho de Alaska; se debe esto a que no poseer nada sobre el mar es para la política rusa una ley tan fundamental como para Inglaterra es mantener el dominio del océano”.

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

The view, bluntly stated, is that expanding NATO would be the most fateful error of American policy in the entire post-cold-war era. Such a decision may be expected to inflame the nationalistic, anti-Western and militaristic tendencies in Russian Opinion

Nota-se, não sem certa curiosidade, que o projeto de expansão da OTAN, um “erro fatal” segundo as palavras de Kennan, expressa a principal preocupação de Moscou. Recorrente nos discursos de Vladimir Putin, a ameaça representada pela aliança militar foi invocada quando da deflagração da Operação Militar Especial, conforme definiu o líder russo, para o processo de invasão ao território ucraniano em 24 fevereiro de 2022. (PUTIN, 2022). Acerca das questões mais específicas ao conflito, é interessante observar que a retórica esbarra na evidência dos fatos subsequentes, ou seja, que a construção de uma determinada narrativa pró-Moscou ou pró-Kiev tem como limite a própria estratégia adotada pelos contendores, a menos que as conclusões errôneas sejam fruto da ignorância sobre o assunto em causa.

Assim que eclodiu a guerra, a Rússia promoveu uma ofensiva tendo como alvo a capital ucraniana. Todavia, esta ofensiva não passou de um artifício a fim de desorientar as forças militares daquele país. No dia 21 de fevereiro de 2022, três dias antes do início da guerra, o governo russo assinou os decretos de reconhecimento da República Popular de Donetsk e da República Popular de Luhansk. Acerca da ofensiva russa sobre Kiev, é oportuno estabelecer o confronto entre duas análises bastante divergentes a fim de apontar os limites à construção de uma narrativa em contexto de guerra. Segundo Loureiro (2022, p. 370):

Pode-se observar também uma contraofensiva ucraniana bem-sucedida em parte dos territórios atualmente ocupados pelos russos, de modo semelhante àquela que se deu entre março e abril de 2022 ao norte de Kiev, quando Moscou recuou de seu objetivo de conquistar o centro do poder ucraniano e decidiu reagrupar forças em torno de um objetivo menor e mais bem definido (Donbass).

Embora o fragmento mencionado refira-se a um exercício hipotético ou uma “reflexão sobre cenários” segundo argumentou o autor, ele o faz a partir de uma suposta constatação de uma frustrada operação russa de conquista do centro de poder ucraniano. A conclusão de Visentini (2022), baseada no desdobramento dos eventos e na observação do *modus operandi* das guerras contemporâneas, pode se desvencilhar das armadilhas da interpretação dos fatos por si mesmos. Reduzir o fenômeno da guerra aos fatos isolados seria partir do princípio de que o conflito comporta apenas elementos táticos e estratégicos, nos moldes das investidas teóricas sobre conflitos no primeiro quartel do século XX. Sabe-se que a chamada “grande estratégia” reúne elementos até então pouco considerados quando não ignorados pelas antigas análises. Segundo Visentini (2022, p. 88):

A guerra é tanto trágica como teatral (de imagens e propaganda), de ambos os lados. Inclusive nos dois exércitos há russos e ucranianos, prestando serviço militar obrigatório em seu país natal. O ataque à Kiev foi uma manobra militar diversionista, para que os ucranianos retirassem parte das tropas concentradas no Sul e no Leste, que

visavam invadir as províncias separatistas e a Crimeia. E deu certo, porque os russos puderam avançar ali.

Nesses termos, a guerra russo-ucraniana, se analisada a partir de uma totalidade, a qual abarca, inclusive, o modo pelo qual tem se organizado o capitalismo contemporâneo, não deixa brechas para interpretações eivadas de sentimentalismos ou subjetividades como àquelas que atribuem à personalidade autoritária de Putin sua opção pelo conflito¹⁰. Tais análises derivam fundamentalmente das mesmas premissas que àquelas que enxergam nas guerras um pendor humano à irracionalidade e, portanto, não concebem que elas comportam, inclusive, um sentido estratégico segundo as conjunturas e as assimetrias de poder entre as nações, em realidade um princípio realista ou clausewitziano¹¹. Com efeito, estratégia, aqui, transcende a “atuação do comandante ou do general” conforme etimologia primeva da palavra e de cuja semântica partiram as contribuições iniciais, a ela, referentes. “Em outras palavras, estratégia é a interface entre a capacidade operacional e os objetivos políticos, é a cola que une um ao outro e lhe dá sentido” (STRACHAN, 2019, p. 34).

Considerações Finais

Para a compreensão da guerra Rússia-Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, é preciso que se recupere uma série de eventos pós-dissolução da União Soviética, mormente o processo de expansão da OTAN rumo ao leste europeu, abarcando antigos aliados da então URSS, bem como a crise ucraniana que levou à anexação da Criméia em 2014. Esse primeiro quarto de século tem sido marcado, ainda, pela vigorosa expansão da economia chinesa e, em certa medida, um conjunto de dificuldades econômicas e políticas no âmbito da sociedade norte-americana. Do ponto de vista geopolítico, há que se destacar uma série de fracassos na condução das guerras no Iraque e no Afeganistão, ademais das adversidades de sua política interna.

Por tais razões, entende-se que o sistema mundial contemporâneo tem sofrido o repositionamento de suas principais forças. Em outras palavras, que tem se desenhado uma nova ordem global em que o multilateralismo conduzirá ao inevitável rearranjo dos fluxos de poder. Acrescente-se, ao conjunto de países que de algum modo perfilarão entre o rol de potências - grandes ou regionais - conturbando o jogo da geopolítica mundial, a Índia e a Rússia. Ambos tem sido palco de mudanças substanciais em suas economias, especialmente a primeira. No tocante à Rússia, esta tem estreitado seus vínculos comerciais e diplomáticos com a China e contestado, com veemência, as decisões advindas sobretudo dos EUA.

¹⁰ Mesmo um intelectual digno de reconhecimento como Edgar Morin (2024) parece não estar imune aos equívocos de uma interpretação que concebe a Rússia como propensa ao “imperialismo” e seu governante como “déspero”, conforme suas palavras. Em nossa opinião, tais acusações mais toldam os fenômenos do que permitem que sejam elucidados.

¹¹ “A guerra nunca deflagra subitamente: a sua extensão não é obra de um instante. Cada um dos dois adversários pode, por isso, em larga medida, formar uma opinião do outro, segundo o que ele é e o que ele faz na realidade, e não segundo aquilo que em teoria ele deveria ser e fazer” (Clausewitz, 2023, p. 12-13).

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

Entende-se que a guerra Rússia-Ucrânia se insere num contexto mais amplo de rearranjo das forças geopolíticas em escala global, apontando, sob o ponto de vista russo, o contundente rechaço ao projeto de expansão do raio de influência da OTAN. Dados os profundos laços culturais entre russos e ucranianos, a situação fronteiriça entre os países e os processos políticos internos à Ucrânia, em que movimentos separatistas reivindicam independência, a Rússia reconheceu a independência da República Popular de Donetsk e da República Popular de Luhansk e deflagrou o conflito, eufemisticamente denominado de Operação Militar Especial. Trata-se da primeira guerra envolvendo dois países europeus após a segunda guerra-mundial. Em nossa perspectiva, um evento histórico de inigualável importância nesse início de século e que terá repercussões bastante importantes nos próximos anos.

Para sua compreensão, destacou-se a relevância da ocupação da região do Donbass, onde estão as províncias de Donetsk e de Luhansk, para a economia russa. Trata-se de uma zona industrial e que reúne recursos minerais estratégicos. O acesso às províncias permitirá, ainda, que a Rússia amplie o acesso às rotas comerciais do Mar Negro. Vale ressaltar que esta rota é, também, de vital interesse para a China, sendo que alguns projetos no âmbito da “Nova Rota da Seda” preveem a construção de infraestrutura em suas localidades. Para além dos interesses geopolíticos, a guerra deve ser compreendida naquilo que implica em termos geoeconômicos e, nesse sentido, é forçoso concluir que ela não enseja uma nova Guerra-Fria conforme propugnado por alguns estudiosos.

Referências bibliográficas

- ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contratempo; São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. EUA X URSS: o grande desafio. Rio de Janeiro: Nôrdica, 1986.
- CLAUSEWITZ, Carl von. Da guerra. 4^a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. Todo império perecerá: teoria das relações internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- GERSCHENKRON, Alexander. O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios. Rio de Janeiro: Contraponto; Centro Internacional Celso Furtado, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- IRANÇO SILVA, Pedro; COSSUL, Naiane. O degelo no Ártico e a nova frente geopolítica para a Rússia. *Conjuntura Global* 10(1): 85-105, 2021. <https://doi.org/10.5380/cg.v10i1.76150>.

DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. China: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.

KENNAN, George. A Fateful Error. The New York Times, 5 fev. 1997.

KENNAN, George. The sources of soviet conduct. Foreign affairs, 1947. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/russian-federation/george-kennan-sources-soviet-conduct>.

KENNEDY, Paul. Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

KISSINGER, Henry. Sobre a China. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LOUREIRO, Filipe. A guerra da Ucrânia e as relações Rússia-Estados Unidos: uma nova Guerra-Fria? In: Loureiro, Felipe (org.) Linha vermelha: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2022. pp. 355-376.

MACKINDER, Halford. El pivote geográfico de la historia. In: Antología geopolítica. Coronel Augusto Rattenbach (Compilación y prólogo). Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1975. pp. 65-81.

MORIN, Edgar. De guerra em guerra: de 1940 à Ucrânia. São Paulo: Edições Sesc, 2024.

PUTIN, Vladimir. Address by the President of the Russian Federation. Disponível em : <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67843>. 2025. Acesso em: 15 fev. 2025.

ROSTOW, Walt. Etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não-comunista. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

SANTORO, Maurício. A China e a guerra da Ucrânia. In: Loureiro, Felipe (org.) Linha vermelha: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. pp. 275-293.

STIGLITZ, Joseph. Os exuberantes anos 90: uma nova interpretação da década mais próspera da história. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STRACHAN, Hew. A condução da guerra: estratégia contemporânea na perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2019.

VISENTINI, Paulo. A Rússia face ao ocidente. São Paulo: Edições 70, 2022.

VISENTINI, Paulo. As grandes potências e os conflitos mundiais: entenda quem manda no mundo e o porquê. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

***DA GUERRA FRIA À GUERRA DA UCRÂNIA: CONFIGURAÇÕES DO MODERNO
SISTEMA MUNDIAL***

WALLERSTEIN, Immanuel. O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo histórico e civilização capitalista. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

YEKELCHYK, Serhy. Ucrânia: o que toda a gente precisa de saber. Coimbra, Portugal: Edições 70, 2022.

Recebido em: 10/04/2025

Aprovado em: 01/05/2025

Publicado em: 02/05/2025

